

Mudança de métodos ajuda a educar

135

Tinta contra tinta. Esta foi a arma encontrada pela direção da Escola Municipal Levy Neves, no Engenho da Rainha (Zona Suburbana), para combater uma *praga* que ataca dez entre dez prédios escolares do Rio: a pichação. Desde quinta-feira, os 1.100 alunos da Levy Neves têm a responsabilidade de pintar paredes e muros, substituindo as pichações por desenhos. Não se trata de punição, mas de um trabalho preventivo. "A idéia é fazer com que cada aluno, desde a turma do jardim até a 8ª série, se sinta participante e responsável pela escola. Assim, pretendemos acabar com o problema das pichações", diz a diretora-adjunta, Zípora Tavares.

Na Escola Municipal Jornalista Carlos Castelo Branco, em Paciê-

nia (Zona Oeste), a direção também tem muito jogo de cintura para lidar com as indisciplinas dos cerca de 800 alunos. Pichações, brigas e atos de rebeldia são discutidos e resolvidos pelo Conselho Escola-Comunidade, um grupo formado por professores, alunos, responsáveis, e um representante da Associação de Moradores de Paciência. Foi com a ajuda deste grupo que a diretora da escola, Marília Viana de Oliveira, há quatro anos no cargo, conseguiu descobrir os autores de três bombas que assustaram os alunos no início do mês passado. "A primeira bomba foi apenas um *cabeção-de-negro*, que explodiu no pátio. A segunda, foi um amarradinho de bombinhas, que eles soltaram no corredor. A terceira foi mais grave: um bomba feita com

pólvora, detonada no banheiro dos meninos. Tivemos que agir", narra Marília, que bancou a detetive para descobrir o nome dos dois meninos responsáveis pelas bombas.

Pólvora – Marília conta que percorreu as bancas de camelôs e lojas de vendedores de pólvora da região até chegar a seis suspeitos. "Os dois culpados acabaram confessando. Eles choraram muito. Como eram bons alunos, que nunca fizeram isso antes, o conselho decidiu não revelar seus nomes para o restante da escola. Como punição, serão obrigados a manter a sala limpa até o fim do ano. Achamos que a expulsão seria demais. Eles merecem uma chance", disse Marília.

Os alunos Fábio Ferreira e Bruno Almeida da Silva, ambos de 12

anos e matriculados na 5ª série da escola, concordam com os métodos da direção. Os dois são a prova de que ali os estudantes estão ficando mais conscientes de seus deveres. "Se eu pegar um aluno estragando a escola, primeiro eu vou tentar conversar com ele. Se não der certo, vou chamar uma autoridade. Temos que saber que o prédio também é nosso", diz Fábio.

O Colégio São Vicente de Paulo, no Cosme Velho (Zona Sul), resolveu procurar ajuda externa para solucionar o problema dos uso de drogas em suas dependências. Dois funcionários foram designados para fazer curso no Núcleo de Estudos e Prevenção às Drogas (Nepad), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj), e a escola organizou

uma série de palestras para os pais. "O Nepad nos deu assessoria durante um ano. E deu origem ao projeto Face-a-Face, de prevenção ao comportamento de risco na infância e na adolescência", explica Patrícia Rubim, orientadora educacional do São Vicente.

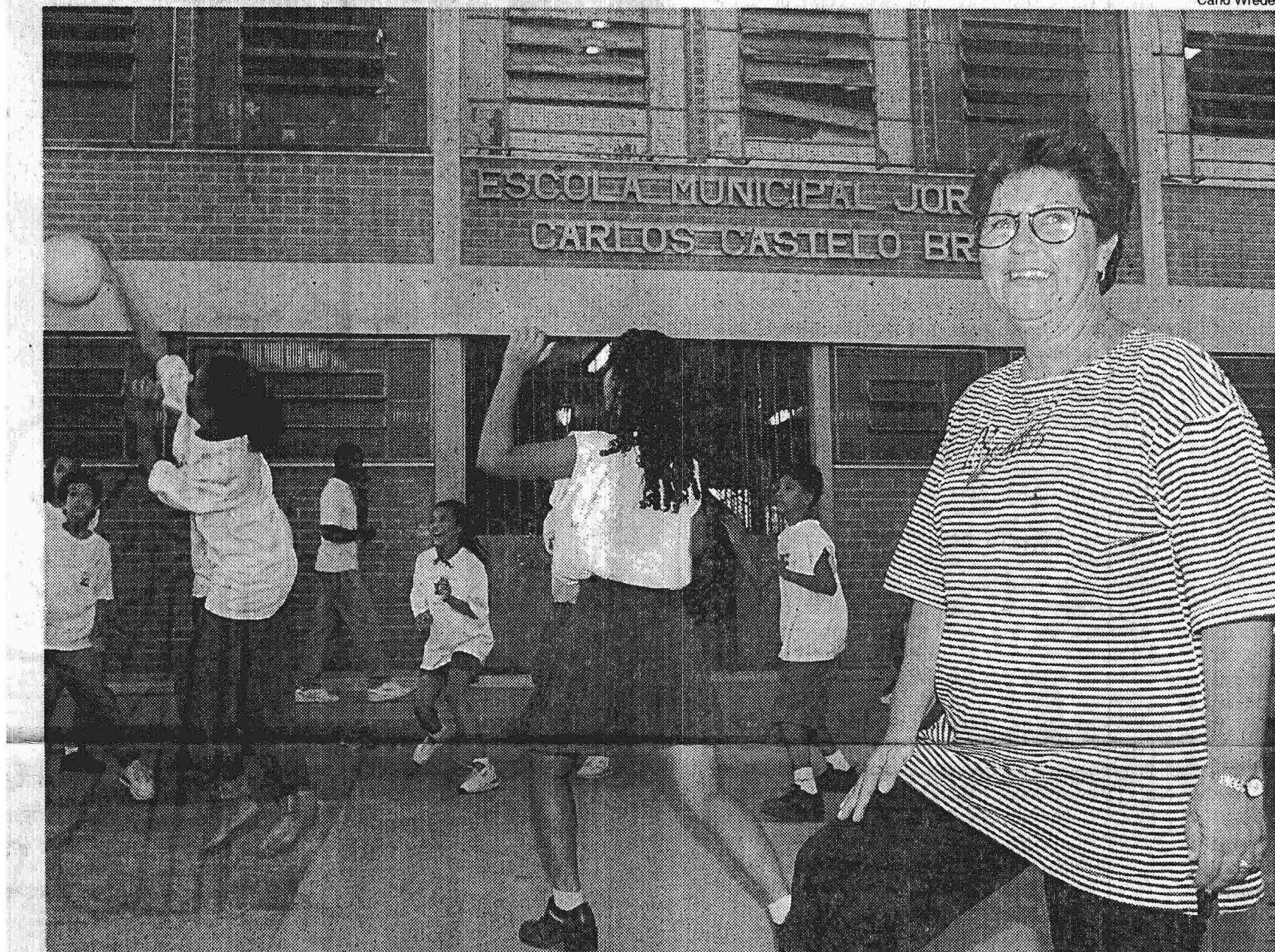
Segundo Patrícia, o colégio optou por uma visão sócio-cultural do problema das drogas, evitando a abordagem policial. "Dependendo de como você aborda o adolescente, você o estimula a sair ou a ficar", diz. Apesar do empenho da escola, a psicóloga conta que as palestras foram suspensas ao fim de um ano por falta de pais para assistí-las.

Sintonia – A omissão de pais e responsáveis, segundo a psicóloga, é prejudicial a qualquer parceria que

as escolas tentem promover para enfrentar os problemas. "Se todas as famílias estivessem em sintonia seria mais fácil", diz Patrícia, que tem que atender alunos com histórias familiares distintas. "Existem famílias participativas, que ajudam a escola; as que são super-protetoras e que não querem ver seus filhos frustrados; e as famílias que falham na atenção", explica.

Para Patrícia, as pichações que passaram a ser o terror das escolas diminuíram quando os envolvidos passaram a ser responsabilizados. "As famílias é que pagam o prejuízo", afirma. A psicóloga comenta que atualmente os problemas disciplinares no São Vicente não extrapolam eventuais brigas, que são resolvidas pela coordenação de disciplina.

Carlo Wrede



Marília, diretora da Carlos Castelo Branco, investigou lojas e camelôs para identificar autores de três explosões, mas não expulsou os alunos